

8.02.05 - Letras / Teoria Literária

A TRANSCRIÇÃO DA REALIDADE POR MEIO DA LITERATURA E AS MODULAÇÕES DO CONCEITO DE REGIONALISMO NA OBRA DE ANTONIO CANDIDO

Lívia Fernandes Nunes¹*, Osvaldo Copertino Duarte²

1. Graduada em Letras pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR), bolsista PIBIC/CNPq e mestranda do Programa de Estudos Literários da FCLAR-UNESP, com bolsa CAPES.
2. Professor do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da UNIR/ Orientador.

Resumo

Este trabalho investiga a obra do crítico literário Antonio Candido, focalizando os textos de sua autoria pelos quais pode-se analisar a recepção crítica dos romances *Caetés* (1933)¹, de Graciliano Ramos e *Grande sertão: veredas* (1956), de Guimarães Rosa. Verifica-se, por um lado, de que maneira o autor compreende o processo de transcrição da realidade nos textos mencionados e, por outro, como modula o conceito de regionalismo literário ao analisar esses livros. Realiza-se o estudo em quatro etapas: análise da obra do crítico, dos romances, das recepções críticas e comparação entre estas. Compreende-se que tanto *Caetés* quanto *Grande sertão: veredas* têm a regionalidade como ponto de partida para a realização literária, sendo, sobretudo para este, o elemento-chave. Investiga-se, por fim, como o método crítico de Antonio Candido se impõe, ainda hoje, como abordagem viável de nossa literatura, tendo em vista as tensões entre realidade e ficção que o regionalismo implica.

Palavras-chave: crítica literária; Graciliano Ramos; Guimarães Rosa.

Apoio financeiro: CNPq.

Introdução

Antonio Candido foi um crítico literário e sociólogo brasileiro, cuja obra desperta crescente interesse não somente dos estudiosos da literatura como das diversas áreas das Ciências Humanas. Dentre diversos motivos para pesquisá-la, destaca-se o fato de o autor utilizar um método analítico dialético em um momento de polarização metodológica. Considerando a interação entre literatura e sociedade, sua abordagem do texto literário integra perspectivas supostamente contrárias, mesclando conhecimentos de origem subjetiva, de disciplinas afins e procedimentos crítico-interpretativos. A pesquisa parte da hipótese de que esse tipo de abordagem se fundamenta na verificação do processo de transcrição da realidade por meio da literatura, isto é, na maneira pela qual ela recria o mundo real de forma particular.

O regionalismo é uma tendência decisiva para compreender a obra do crítico, que o trata menos como um período literário do que um conceito que engloba a atuação dos condicionamentos sócio-geográficos no processo de transcrição do real. Esse conceito é estudado no ensaio *A literatura e a formação do homem* (2012), em que o autor toma o regionalismo brasileiro como exemplo para analisar a função humanizadora da literatura. Percebendo a hesitação dos estudiosos coetâneos em pensá-la como uma arte que desempenha um papel social, em prol da valorização do seu caráter estrutural e autônomo, o crítico afirma que a validação do contexto de produção não inviabiliza a investigação das tessituras do texto literário, mas que, pelo contrário, reafirma a sua pertinência e o seu valor como sistema de inter-comunicação humana.

Os objetos desta pesquisa são os textos críticos em que Antonio Candido analisa os romances que, ao nosso ver, possuem a região como elemento-chave: *Caetés*, de Graciliano Ramos, e *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa. Acreditamos que estudar como obras regionalistas são recebidas por um dos maiores intérpretes da cultura e da literatura brasileira pode nos ajudar a compreender um ângulo social e antropológico de sua obra e até render uma nova visão acerca das literaturas particularistas ou adjetivadas, isto é, das literaturas que se desenvolvem a partir de uma realidade particular a um grupo social, como é o caso da queer e da indígena.

Metodologia

A pesquisa foi desenvolvida em quatro etapas: análise da obra crítica de Antonio Candido, sobretudo os textos pelos quais investiga livros que considera regionalistas, análise dos romances *Caetés*, de Graciliano Ramos, e *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, análise da recepção crítica dessas produções e, por fim, comparação da recepção dos dois livros a fim de se chegar a considerações sobre a configuração de seu ato crítico.

Empregamos para o desenvolvimento desta pesquisa qualitativa e bibliográfica a análise de crítica

¹ Optamos por mostrar as datas das primeiras publicações de algumas obras. Elas aparecem entre parênteses nas referências bibliográficas.

literária em uma perspectiva textual e contextual. Nos baseamos nas ideias de Hutcheon (1984) no livro *Narcissistic Narrative: The Metafictional Paradox*, Bosi (1992) em *Dialética da colonização* e Slater (2018) no artigo “Sartar de banda”: Antonio Candido como caipira autodeclarado, presente no livro *Antonio Candido 100 anos*, organizado por Fonseca e Schwarz (2018).

Nos baseamos, também, nas ideias desenvolvidas pelo próprio Antonio Candido em *Literatura e sociedade* (1965). Percebemos que o crítico se vale, dentre outras perspectivas, da verificação de influência para analisar obras literárias em seu livro e, por isso, notamos a possibilidade de aplicar essa metodologia para o estudo de sua própria obra. Portanto, ao mesmo tempo em que ela é o objeto da pesquisa, é parte significativa da teoria, o que caracteriza este trabalho como um esforço de metacrítica literária, isto é, de perscrutar as veredas e julgar os métodos adotados na realização da crítica literária.

Resultados e Discussão

Segundo Candido (1995), a permanência do aspecto funcional em nossa literatura decorre de certos acontecimentos que marcam o período de sua formação. Nos países latinos, a literatura surgiu como veículo de informação, que funcionava como legitimador do conhecimento da realidade local. Por ressentir o dilema de se basear em um universo linguístico e ideológico europeu e, ao mesmo tempo, ter de exprimir a vida local, ela desenvolveu a dificuldade em projetar expressões universalistas, isto é, mais ligadas em representar ideias ocidentais do que individuais de um país ou região.

“Na literatura brasileira, ‘regionalismo’ designa sobretudo a narrativa cujo tema é a vida nas zonas afastadas, com usos e modos de falar próprios, em grande parte de cunho arcaico” (CANDIDO, 1995, p. 6, aspas do autor). Trata-se de uma via possível no projeto da literatura nacional no século XIX, sendo as outras o indianismo e os temas urbanos. Contudo, a contar pela obra de Machado de Assis, as expressões particularistas, como o regionalismo e o indianismo, teriam se tornado uma opção secundária na literatura brasileira.

Para o autor, a cultura brasileira é um contraste de estruturas sociais litorâneas, que correspondem às metrópoles, onde vive uma burguesia conforme o ocidente, e interioranas, cujos modos de vida e produções artísticas são geralmente interpretados como antiquados, simplórios e diferentes (CANDIDO, 1992, p. 46). Dessa maneira, o caipira foi sendo retratado literariamente como elemento pitoresco acoplado à paisagem rural para entretenimento do morador da cidade, o que resultou na consideração pejorativa de sua figura (SLATER, 2018, p. 229). Essas informações nos levam a entender que o motor do regionalismo é o subdesenvolvimento, que força o escritor a “focalizar como tema as culturas rústicas mais ou menos à margem da cultura urbana” (CANDIDO, 1999, p. 6).

O crítico identifica três principais faces do regionalismo brasileiro. Uma corresponde à revelação da realidade e descrição dos costumes e da paisagem local na fase de formação literária, que acontece entre os séculos XVIII e XIX, com o arcadismo e o romantismo. Outra corresponde à ficção baseada na visão crítica da realidade com a segunda geração modernista. A última corresponde à transcendência da realidade, realizada na última geração modernista como “super-regionalismo”, termo utilizado pelo crítico para se referir à obra de escritores que, embora explorem a técnica de descrição de particularidades locais, superam o estilo de documentação histórica. Devemos nos focar mais especificamente em cada face.

No livro de ensaios *Ficção e confissão* (1956), Antonio Candido utiliza métodos psicológicos, estéticos, sociológicos e biográficos para estudar a obra de Graciliano Ramos. Segundo o próprio crítico, sua intenção é captar a visão do homem, a concepção de vida e de literatura do escritor, que teria produzido um itinerário da invenção ao testemunho, mantendo o nível literário e aprimorando sua técnica a cada produção (CANDIDO, 2006b, p. 120).

Publicado durante o surto migratório nordestino, *Caetés* (1933) é analisado como um preâmbulo, tendo em vista que, por um lado, segue “receitas da ficção realista tradicional”, superadas nos livros posteriores, e, por outro, apresenta características fulcrais do estilo do autor, como a concisão linguística e a adequação da técnica literária com a realidade expressa. Candido considera o livro pós-naturalista, pois volta-se para o registo de aspectos intencionalmente banais e rotineiros, a partir de uma perspectiva pessimista e imparcial, devido a “certo pudor de engatilhar os dramas convulsos de que tanto gostavam os fogosos naturalistas da primeira geração” (Ibidem, p. 19). O livro apresenta traços regionais – como a aridez e a monotonia, que posteriormente seriam um elemento-chave da obra do autor – por meio da linguagem, não apenas pelo espaço onde a história se passa como também pela concisão estilística.

Ambientada em Palmeira dos Índios, município alagoano gerido por Graciliano Ramos entre os anos de 1928 e 1930, a trama envolve dois problemas: a paixão do protagonista, um guarda-livros, pela mulher de seu chefe e a tentativa de escrever um romance sobre indígenas caetés, antigos habitantes do litoral do mesmo estado, que, segundo uma lenda famosa, teriam devorado o primeiro bispo do Brasil em um ato antropofágico.

A ausência do discurso planejado na construção do romance histórico evoca uma espécie de vazio, ao mesmo tempo em que se desenvolve a história da experiência amorosa no plano da pequena cidade. Por isso, pode-se afirmar que o livro se estrutura ironicamente.

O crítico considera a alusão histórica um recurso elementar para a construção do protagonista, quem, instalando a atividade analítica no cerne de suas ações, tenta encontrar na história dos aborígenes sua natureza selvagem. Ao nosso ver, João Valério se autocompreende como uma versão paródica do homem brasileiro, com referência tanto dos colonizadores como dos indígenas, mas sem uma identidade própria ou marcante.

realismo trágico, que sobrepõe os problemas do Eu à própria integridade do mundo, deformando-o, é característica de Graciliano Ramos. Isto se manifesta em vários aspectos da sua escrita, como, para citar um caso, a técnica seletiva, a composição por meio de fragmentos. **João Valério constrói os caetés, um pouco humoristicamente, com pedaços de conhecidos.** (CANDIDO, 2006b, p. 118, grifo nosso).

A informação grifada evidencia um importante aspecto do método analítico aplicado em *Ficção e confissão*: embora a metaficcionalidade não seja mencionada, Candido considera a capacidade do romancista de articular um diálogo entre narrador-personagem, autor e leitor sobre a construção literária. Ocorre, no romance, um processo semelhante ao que Hutcheon (1984, p. 7) nomeia como “mimese de processo”.

Outra face do regionalismo é apreendida pelo crítico na obra de Guimarães Rosa. O primeiro texto que escreve sobre ela, originalmente uma resenha publicada no jornal *Diário de São Paulo*, toma como objeto o livro de estreia do escritor, *Sagarana* (1946). Desde essa recepção crítica, Candido percebe que a renovação da técnica regionalista por meio da universalização do elemento pitoresco é uma peculiaridade do estilo roseano. O crítico afirma que o escritor parece ter querido construir algo inusitado a partir de uma série de condições desfavoráveis – porque até então o regionalismo designou obras sublitterárias, cuja temática é o campo como espaço exótico, onde vivem seres que se fundem com a paisagem – e teria provado, por isso, que o mais importante na arte, como um todo, não é o conteúdo, e sim a forma.

A província do sr. Guimarães Rosa, no caso Minas, é menos uma região do Brasil do que uma região da arte, com detalhes e locuções e vocabulários e geografia cosidos de maneira por vezes quase irreal, tamanha é a concentração com que trabalha o autor. (CANDIDO, 2002, p. 185).

O romance trata da vida de Riobaldo, um fazendeiro que se tornou líder de jagunços e assistiu à morte de sua amada, Diadorim, na juventude. Com a intenção de vingar a morte do pai, ex-chefe de bando, ela participa de conflitos rurais travestida de homem. O fato de contar as aventuras que levam o protagonista à fase adulta serve para afirmarmos de que se trata de um romance de formação.

No ano de lançamento do livro, Candido publica uma resenha homônima no Suplemento Literário do jornal *O Estado de São Paulo*. Posteriormente, desenvolvendo os aspectos nela apresentados, lança, em *Tese e Antítese* (1978), o ensaio “O homem dos avessos”, em que nos aprofundamos.

O autor estrutura seu texto a partir de três elementos que, em sua concepção, norteiam essa composição: a terra, o homem e a luta. O meio físico condiciona o homem a lutar, entre si e com outros indivíduos, o que constitui o problema central. Nesta pesquisa, nos detemos principalmente ao primeiro elemento.

Sob essa perspectiva, a terra funciona como um quadro para a concepção de mundo do autor e como apoio ao universo inventado, pois lhes dá verossimilhança interna. Compõe-se pela fauna e flora dos caminhos por onde o personagem passa, que podem corresponder simbolicamente às experiências vividas e aos descobrimentos pessoais.

Candido (1978, p. 123) afirma que é possível identificar muitos topônimos a que o livro faz referência. São rios, ribeiros, morros, caminhos, palmeiras, flores, clima e sons da geografia do Norte de Minas Gerais que se adaptam conforme a situação narrativa. No entanto, afirma que “a flora e a topografia obedecem frequentemente a necessidades da composição”. (Ibidem, p. 124).

Segundo Lins (1976, p. 69), de certa maneira, “até mesmo a personagem é espaço”, porque o espaço influi nos seres ficcionais e vice-versa. Na obra analisada, os limites entre ser e estar são praticamente nulos. O sertão de Rosa é um mundo sem lei e praticamente sem voz, que condiciona os seres a agirem por meio da violência.

Dentre os espaços que mais se destacam, ressaltamos o rio e o deserto. A começar pelo rio, tem-se o São Francisco, que divide o sertão e a vida do protagonista ao meio, importando não apenas como um acidente físico, mas também como representação do mundo inteligível, no sentido platônico. Para o narrador, “Rio é só o São Francisco, o Rio do Chico. O resto pequeno é vereda. E algum ribeirão” (ROSA, 1994, p. 96).

O lado direito do rio é um lugar onde acontecem coisas “boas” e o esquerdo é seu contrário. O autor pontua que esta visão de espacialidade tem caráter da mentalidade primitiva, que a associa ao maniqueísmo entre deus e diabo (CANDIDO, 1978, p. 125).

Ademais, um espaço atuante na história é o deserto Liso do Suçuarão, que, para Candido, simboliza a morte e o vazio, pois, dentro dele, o homem é condicionado por forças demoníacas a agir baseando-se no que acredita-se ser o “mal”. Outro deserto é Veredas Altas, onde o protagonista supostamente realiza um pacto demoníaco.

No centro dessa heterolateralidade, o crítico localiza a figura dupla de Diadorim, figura que se relaciona tanto com o conceito de duplo quanto ao andrógino, citado em *O banquete*, de Platão (MENEZES, 2018, p. 3). Percebemos que o crítico aprofunda em sua análise em direção ao modo como os elementos da natureza influem nos seres e nas relações pessoais. No livro, água, terra e ar, isto é, os quatro elementos, parecem mobilizados para o encontro de Riobaldo e Diadorim.

Além disso, o crítico nota uma semelhança entre o livro e as novelas de cavalaria, isto é, às narrativas em que um grupo de guerreiros lutam em prol do “bem”. O narrador de *Grande sertão* assume a perspectiva do

cavaleiro que renuncia a poderes pela honra e que, então, busca uma lógica nas experiências armazenadas em sua memória para contá-las ao leitor. “Podemos ver que [no romance] o real é ininteligível sem o fantástico, e que ao mesmo tempo este é o caminho para o real” (CANDIDO, 1993, p. 139, comentário nosso).

Candido (2002, p. 191) ressalta que, em *Grande sertão: veredas*, existem temas que se alternam e se reiteram, formando uma espécie de partitura literária: o amor, a vingança, o mal. Esse aspecto mostra a concepção de literatura do crítico, que percebe o livro como uma obra-prima pela maneira como estabelece sentido com a realidade sem depender dela.

Conclusões

Antonio Candido compreende a literatura como uma modalidade ficcional pela qual a realidade é deformada, manipulada e, para utilizar os termos do título do trabalho, transcriada. Por isso, o crítico considera que estabelecer uma relação direta com a realidade não é parâmetro para valoração de obras literárias, e sim de obras documentárias. Ao investigar produções regionalistas, afirma que o mais importante do texto literário é a invenção.

O autor realiza a crítica de obras regionalistas de épocas literárias diferentes. Numa primeira fase, estão as obras do período de formação literária, em que o regionalismo representa o atraso na visão do escritor em relação ao mundo rural. Numa segunda fase, está a geração de 1930, que dá ao regionalismo o caráter social e engajado na crítica dos problemas sociais da época. Numa terceira fase, está a geração de 1945, em que o regionalismo se eleva ao patamar de super-regionalismo, declarando uma nova etapa da tendência, que, como tudo indicava, estaria fadada ao declínio.

Na análise que realizamos da recepção crítica dos romances *Caetés*, de Graciliano Ramos, e *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, percebemos que as modulações do conceito de regionalismo advêm de conhecimentos de origem subjetiva, social e histórica. Conforme a conjuntura política mudava, estéticas literárias se desenvolviam e os problemas sociais se inflamavam, o modo de pensar a literatura que tem a região como destaque também se modificou. No entanto, é possível que uma unidade entre essas três fases apreendidas em sua obra seja a constante necessidade de estudar literatura a partir de sua interação com o contexto de produção e com outras obras, a qual, em outras palavras, chamamos de dialética. Não apenas concluímos que esses romances são analisados a partir de aparatos metodológicos que vão além dos conhecimentos de estética e sociologia como verificamos que, na visão do crítico, a transcendência do real é o que os singulariza.

Referências bibliográficas

BOSI, Alfredo. *A dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. (1965). Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006a.

_____. *Ficção e confissão*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006b.

_____. A literatura e a formação do homem. *Remate de Males*, 3 dez. 2012.

_____. Notas de Crítica literária – Sagarana. In: DANTAS, Vinícius (org.). *Textos de intervenção*. São Paulo: Duas cidades; Editora 34, 2002.

_____. *Brigada ligeira e outros escritos*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

_____. O homem dos avessos. In: _____. *Tese e antítese*. São Paulo: Nacional, 1978.

HUTCHEON, Linda. *Narcissistic narrative: the metafictional paradox*. Waterloo: Wilfrid Laurier University Press, 1984.

LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.

MENEZES, Luiz Maurício Bentim da Rocha. O mito do Andrógino no Banquete de Platão. *Hélade*, v.4, n.3, 2018.

RAMOS, Graciliano. *Caetés*. (1933). 22. ed. Rio de Janeiro: Record, 1986.

ROSA, Guimarães. *Grande sertão: veredas*. (1956). Rio de Janeiro: Aguilar, 1994.

SLATER, Candace. “Sartar de banda”: Antonio Candido como caipira autodeclarado. In: FONSECA, Maria Augusta; SCHWARZ, Roberto (orgs.). *Antonio Candido 100 anos*. São Paulo: Editora 34, 2018.